

EDUCAÇÃO, FEMINISMO E MULHERES SÍMBOLOS DA RESISTÊNCIA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Iana Jessica Ximenes Paiva¹
Geysse Gadelha Rocha²
Eliomar Araújo de Sousa³
José Rafael Barros de Moraes⁴
Daniele Kelly Lima de Oliveira⁵

RESUMO

Para entendermos a dimensão do feminismo é necessário buscar compreender as diversas vertentes do feminismo para que as mulheres consigam se libertar, empoderar e questionar as estruturas machistas e patriarcais da sociedade. A mulher durante toda a história foi estereotipada como um ser frágil, dependente, submissa e incapaz. Sendo que a história na qual trabalhamos nessa pesquisa nos mostra o quanto elas foram protagonistas e resistentes em todos os espaços que ocupavam, buscando quebrar tabus e lutar contra uma sociedade culturalmente, historicamente e socialmente patriarcal. É necessário ressaltar que essas mulheres foram protagonistas também no processo de desconstrução dos estereótipos e preconceitos criados pela sociedade, como por exemplo Simone de Beauvoir que com seu livro “Segundo Sexo” impulsionou a luta do movimento feminista, Angela Davis que fomentou a luta pelos direitos das mulheres, principalmente das mulheres negras e entre outras mulheres que marcaram a história. O objetivo desse artigo é apresentar mulheres que foram ícones na luta do movimento feminista e que colaboraram com a desconstrução da imagem estereotipada das mulheres na sociedade. A metodologia utilizada nessa pesquisa foi um estudo bibliográfico. Os autores utilizados na construção desse trabalho foram Angela Davis; Joice Berth; Duda Porto de Souza e Aryane.

Palavras-chave: Feminismo, Mulheres, Resistência.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). ianajessica42@gmail.com

² Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: geyssegadelhar@gmail.com

³ Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: elio2015_@hotmail.com

⁴ Graduado Pós-Graduando em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade de Quixeramobim. Graduado em Letras/Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador/UVA, e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE)/UVA. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: rafabarros.letas@gmail.com

⁵ Professora adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (PPGEB/UFC). Coordenadora dos grupos de estudos Gramsci e a formação do educador (UVA), e do Grupo de Estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE/UVA). Coordenadora do Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR). E-mail: dankel28@yahoo.com.br

Na sociedade atual e em grande parte do percurso da história do gênero humano, a mulher foi colocada em segundo plano no que concerne à direção da sociedade, numa posição de submissão ao homem. Nesse sentido foi construída historicamente uma imagem estereotipada da mulher como um ser frágil, dependente e submisso, como se essas características fossem inerentes e naturalmente dadas para o universo feminino.

Berth (2019), ao trazer o conceito da palavra empoderamento nos coloca diante de uma reflexão importante, que vai de encontro ao papel que muitas mulheres desempenharam dentro do movimento feminista. Para ela é problemático quando pensamos empoderamento apenas como um processo de “dar poder” a determinado grupo, seja ele de mulheres, população negra, pessoas LGBTQI+, pessoas com necessidades especiais, isto é, todos que fazem parte dos grupos excluídos historicamente na sociedade. Isso porque se admite-se que há um grupo que detenha o poder, e que é necessário contar com a “permissão” desse grupo para que outro tenha poder, não se enfrenta a problemática das desigualdades de frente.

[...] o conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social e não se propõe a viciar ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários. (BERTH, 2019, pp. 21-22)

Ao contrário dessa concepção assistencialista, Berth (2019) nos convida a pensar o empoderamento como subversão dos valores estabelecidos:

Daí parte a necessidade de questionar continuamente de que poder estamos falando e quais os possíveis caminhos de trabalho social empregaremos, no sentido de não inverter a lógica atual, mas de subvertê-la. [...] o empoderamento que seguimos neste trabalho não visa retirar poder de um para dar ao outro a ponto de se inverter os polos de opressão, e sim de uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e equalização de existências em sociedade. Empoderar dentro das premissas sugeridas é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. Esse entendimento é um dos escudos mais eficientes no combate à banalização e ao esvaziamento de toda teoria construída e de sua aplicação como instrumento de transformação social. (BERTH, 2019, pp. 22-23)

De acordo com esse pressuposto podemos afirmar que muitas mulheres na história da humanidade foram preconizadoras desse processo de empoderamento que questiona as estruturas desiguais na sociedade.

O objetivo desse artigo é apresentar mulheres que foram ícones na luta do movimento feminista e que colaboraram com a desconstrução da imagem estereotipada das mulheres na

sociedade. Essas atitudes foram e são importantes instrumentos de uma práxis social que tem como horizonte um novo modelo de sociedade e de educação, para além dos limites do patriarcado.

Esse trabalho surge a partir dos estudos realizados no grupo de estudos Lutas Universitárias, Trabalho e Educação (GELUTE), e no Projeto de Pesquisa Educação e os fundamentos históricos da opressão feminina, todos abrigados no Grupo de Pesquisas e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR), sediado na Universidade Estadual Vale do Acaraú e coordenados pela professora Dra. Daniele Kelly.

METODOLOGIA

A metodologia adotada caracteriza-se como um levantamento teórico bibliográfico, sendo assim a fundamentação teórica foi feita através de leituras de livros e artigos acerca do tema proposto, deixando evidente a importância do feminismo e do papel de mulheres consideradas ícone na luta das mulheres na história.

Os livros e artigos lidos para esse estudo foram “Mulheres, raça e classe” de Ângela Davis; “Empoderamento” de Joice Berth; “Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil” de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo.

DESENVOLVIMENTO

Quando pensamos sobre o movimento feminista precisamos primeiro entender que diversas vertentes surgiram no decorrer década de 1960, porque as demandas para cada mulher era totalmente diferente, enquanto mulheres brancas lutavam pelo voto, as mulheres negras lutavam por direitos básicos. Então, algumas vertentes surgiram para tratar das pautas de cada grupo. Uma vez que as mulheres trans, e uma mulher branca ou negra possuem necessidades totalmente diferentes, é importante entender cada vertente.

O Feminismo Liberal se fundamentou no Iluminismo, que pregava a liberdade para todos, mas na realidade não foi bem assim, as mulheres representavam metade da população e não foram incluídas nessa bela ideia de liberdade. O Movimento Iluminista acabou passando para trás as mulheres que ajudaram durante a revolução. Nessa época as mulheres não podiam dar suas opiniões e principalmente decidir sobre o destino da sociedade. Ao sentir-se injustiçada, Olympe de Gouges, se pronunciou sobre o conceito de igualdade que era pregado,

solicitando que incluísse toda a população. Nesse contexto foi criada a Declaração do Direito do Homem do Cidadão, na qual foi incluído os Direitos da Mulher e da Cidadã. Assim, o Feminismo Liberal luta por direitos iguais entre homens e mulheres, acreditando que ambos tem as mesmas capacidades.

O Feminismo Radical surgiu na década de 1970, não é um movimento extremista, defende-se que a raiz da dominação masculina é o patriarcado. O feminismo radical tem o intuito de expor o patriarcado e suas opressões vividas pelas mulheres, e começar um processo de conscientização de que as opressões são vividas de forma coletiva, e não individual e em casos isolados. Um dos grandes efeitos desse movimento foi expor o problema da violência doméstica.

O Feminismo Interseccional é um movimento que consegue conciliar as demandas de gênero classificadas como minorias e está aberto a participação dos homens, o que gera muita crítica por parte de outros movimentos. Defendem, por exemplo, o recorte de gênero, de condição de gênero, de etnia, de classe, de orientação sexual, pois entendem que nem todas as mulheres sofrem juntas as mesmas opressões e que nem sempre a mulher está em situação de desvantagem nas relações de poder na sociedade, pois estas não se configuram somente no sistema patriarcal tendo em vista que existem outros sistemas de opressão que envolvem etnia, classe, sexualidade etc.

O Feminismo Negro surgiu na década de 1980, a partir da ideia de que a mulher negra sofre dupla opressão e que não é representada por outros movimentos feministas. O feminismo negro, traz em suas pautas o genocídio da juventude negra e a intolerância religiosa e o respeito e valorização das religiões de matriz africana. O livro de Angela Davis “Mulheres, Raça e Classe” e o livro da Djamilia Ribeiro “Quem tem medo do feminismo negro?” são bons livros para se refletir sobre a condição e a opressão da mulher negra na sociedade. No capítulo seguinte abordaremos sobre os ícones feministas que marcaram e que quebraram tabus durante a história. Na qual lutaram contra as opressões e as prisões do machismo e patriarcado.

Diversas mulheres foram de extrema importância para o movimento feminista e as conquistas atreladas ao movimento, mesmo muitas vezes não se considerando feministas, mas contribuíram sendo protagonistas, quebrando tabus e revolucionando a época em que estavam, sendo exemplos vivos, que servem de inspiração. A base da pesquisa dessas mulheres foi construída a partir do livro de Duda Porto de Souza e Aryane Cararo “Extraordinárias:

mulheres que revolucionaram o Brasil” e uma matéria da revista virtual Uol “Conheça 15 mulheres feministas que marcaram a História”.

Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma escritora inglesa, considerada fundadora do feminismo, pois escreveu e publicou em 1792, a obra “Reivindicação dos direitos das mulheres”. Mary propunha modelos diferentes de educação, mais politizados e que valorizarem a inteligência das mulheres. Ela contribuiu de maneira significativa para o feminismo liberal.

Margaret Fuller (1810-1850) foi uma crítica literária, editora, autora, ativista política e defensora dos direitos das mulheres, seu livro “*Woman in the 19th Century*” foi considerado o primeiro grande trabalho feminista nos Estados Unidos. No seu livro propõe uma revisão social do papel da mulher, que deveria ser mais independente.

Emmeline Pankhurst (1858-1928) foi uma sufragista britânica, que dedicou sua vida na luta pelo direito das mulheres e pelo voto. Emmeline participou de todos os protestos e foi presa diversas vezes e pedia que fosse reconhecido como presa política, fazendo greves de fome. Três semanas depois da sua morte o voto para mulheres acima de 21 anos foi aprovado.

Emily Murphy (1868-1933) foi uma ativista canadense pela luta dos direitos iguais, se tornou a primeira magistrada no Canadá em 1927, na qual pretendia mudar a lei canadense que discriminava as mulheres e em 1929 conseguiu obter para as mulheres o título de pessoas jurídicas.

Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma revolucionária e teórica marxista polonesa, naturalizada alemã. Buscava fazer uma revolução posicionando sempre contra o império Alemão, visando o socialismo internacional. Em dezembro de 1918, Liebknecht e Rosa Luxemburgo lideraram um levante armado contra o governo alemão. Rosa foi assassinada no ano seguinte em Berlim.

Coco Chanel (1883-1971) foi uma estilista francesa que revolucionou o mundo da moda, ela adaptou modelos de roupas tradicionalmente masculinos para o público feminino.

Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora francesa, filósofa existencialista, memorialista e feminista, suas obras ajudaram o movimento feminista no momento em que o feminismo estava na inércia. Sua obra “O Segundo Sexo” publicada em 1949, trazia questões como a opressão, a busca pela independência da mulher na sociedade e as desigualdades de gênero que eram impostas a mulher.

Dandara dos Palmares apesar de não haver registros do seu nascimento, foi uma grande guerreira que lutou pela libertação dos escravizados e pela defesa do quilombo.

Suicidou-se em 06 de fevereiro de 1694, quando foi capturada e levada escravizada após a destruição da Cerca dos Macacos, que fazia parte do Quilombo dos Palmares.

Pagu (1910-1962) foi uma escritora, jornalista, produtora cultural e militante política brasileira. Foi a primeira mulher a ser presa política no século XX. Era filha de uma família conservadora e se comportava fora dos padrões, fumava na rua, falava palavrões e usava roupas poucos convencionais. Defendia a mulher pobre e criticava o papel conservador feminino na sociedade. Ligou-se ao partido comunista e foi diversas vezes presa e torturada.

Leila Diniz (1945-1972) foi uma atriz brasileira, considerada um símbolo da revolução feminina no Brasil, lutava pela liberdade e pelo prazer sexual feminino. Leila revolucionou quando grávida apareceu de biquíni na Praia.

Angela Yvonne Davis (1944) é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Onde alcançou notoriedade como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, tendo sido candidata a vice-presidente da República em 1980 e 1984, e do grupo Panteras Negras, foi presa na década de 1970, e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Autora de vários livros, que expressam sua militância e a luta pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial.

Djamila Taís Ribeiro dos Santos (1980) é uma filósofa, feminista, pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Tornou-se conhecida no Brasil por seu ativismo na internet pela sua luta pro dos direitos das mulheres negras, contra o racismo e os espaços de fala para as minorias. É autora dos livros Quem Tem Medo do Feminismo Negro? e O Que É Lugar de Fala?.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quem busca compreender e refletir sobre o movimento feminista entende que a história de vida das mulheres foi marcada por lutas e resistências, numa sociedade machista e patriarcal.

A partir do exemplo de várias mulheres na história da humanidade como por exemplo Margaret Fuller, Angela Davis, Rosa Luxemburgo e Djamila Ribeiro podemos constatar que a imagem que foi construída historicamente da mulher como um ser frágil, dependente e submisso não condiz com a realidade, mas ao contrário, está a serviço de um

modelo de sociedade patriarcal, que tem tão e somente na figura masculina a capacidade de estar à frente da sociedade.

A socialização desse tipo de pesquisa é imprescindível para fortalecer modelos de educação e políticas públicas que combatam toda forma de opressão feminina, empoderando as mulheres, no sentido de fazê-las questionar as estruturas desiguais da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos sobre a história de luta e resistência das mulheres na história da humanidade encontramos vários exemplos de mulheres que foram ícones na luta pela emancipação feminina. Para entendermos a dimensão do feminismo é necessário buscar compreender as diversas vertentes do feminismo para que as mulheres consigam se libertar, empoderar e questionar as estruturas machistas e patriarcais da sociedade. A mulher durante toda a história foi estereotipada como um ser frágil, dependente, submissa e incapaz. Sendo que a história na qual trabalhamos nessa pesquisa nos mostra o quanto elas foram protagonistas e resistentes em todos os espaços que ocupavam, buscando quebrar tabus e lutar contra uma sociedade culturalmente, historicamente e socialmente patriarcal. É necessário ressaltar que essas mulheres foram protagonistas também no processo de desconstrução dos estereótipos e preconceitos criados pela sociedade, como por exemplo Simone de Beauvoir que com seu livro “Segundo Sexo” impulsionou a luta do movimento feminista, Angela Davis que fomentou a luta pelos direitos das mulheres, principalmente das mulheres negras e entre outras mulheres que marcaram a história.

O resgate dessas figuras femininas é importante para o processo de empoderamento das gerações atuais, pois lhes permite conhecer sua história e transformar sua realidade.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

DAVIS, Angela, 1944. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

Souza, Duda Porto; Cararo, Aryane de **Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil**. 1ª ed. — São Paulo: Seguinte, 2017.



Conheça as 15 mulheres feministas que marcaram a história. **Revista Virtual UOL.** Disponível em:< <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/04/24/conheca-15-mulheres-feministas-que-marcaram-a-historia.htm/>>. Acesso em: 30 abr 2019.